



A NAÇÃO DOENTE: POLÍTICAS HIGIENISTAS COMO SOLUÇÃO AOS PROBLEMAS DO BRASIL NA PERSPECTIVA DE MONTEIRO LOBATO

Simone Maciel Margis¹

Resumo:

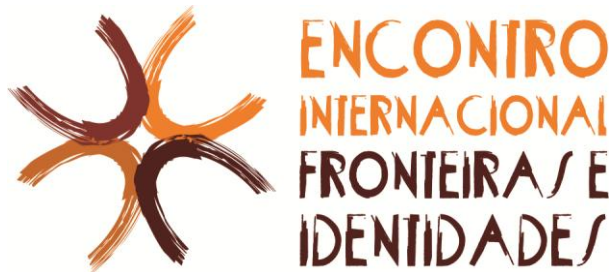
A análise dos problemas da Nação brasileira a partir dos primeiros anos do século XX resultou em diversos debates referentes tanto às suas causas quanto possíveis soluções. Um dos principais problemas a ser discutido refere-se ao “atraso” do Brasil frente a questões econômicas e sociais, quando comparado aos países ditos colonizadores. Monteiro Lobato aponta em seu livro “Problema Vital”, de 1918, que a solução inicial, além de desmentir as retóricas alegóricas que até então regiam o imaginário da Nação, seria a aplicação de políticas higienistas capazes de tirar o povo de um estado endêmico e de ignorância. O presente trabalho é vinculado ao projeto de pesquisa “História das Ideias, Historicidade e Identidades Culturais”, coordenado e sob orientação do prof. Dr. Carlos H. Armani e, pela mestrandia do Programa de Pós-graduação em História Joice Anne A. Carvalho. Sendo assim, o cerne do trabalho é compreender a visão de Lobato a partir da análise discursiva de sua obra sobre a Nação e sua proposta de melhoramento da mesma, tendo em vista a construção de uma nova identidade ao brasileiro.

Contexto do cientificismo relacionado às raças

A seleção natural e a hereditariedade genética, que ficaram famosas após os apontamentos de Darwin e do cientista alemão August Weismann, culminaram em diversas outras correntes ligadas à problemática referente à passagem de caracteres de uma geração à outra. A partir desse conceito, alguns pensadores acabaram por ligar a teoria de transmissão de caracteres adquiridos a uma teoria racial propriamente dita, culminando, por fim, em um discurso favorável à hierarquização de raças. Um desses pensadores foi Arthur de Gobineau.

Gobineau foi um diplomata francês que, com base em suas observações a respeito da miscigenação entre raças no Brasil e, embora não concordasse com a teoria da Evolução de Darwin, acabou concluindo, em 1874, que este fenômeno nada mais poderia proporcionar à sociedade do que sua deterioração. Segundo o diplomata, a única solução que retardaria o dano que a mestiçagem proporcionava à nação era o incentivo à imigração de povos europeus, considerados por Gobineau como exemplares de uma

¹ Graduanda do décimo semestre do Curso de História da UFSM. Bolsista de Iniciação Científica Cnpq.



raça superior. Assim, com os sucessivos cruzamentos entre os imigrantes vindos do velho continente com os mestiços brasileiros, talvez os genes “danosos” da população pudessem desaparecer com o tempo.

Nesta análise inicial sobre as perspectivas de cada autor sobre o conceito de raça que acabou se formando ao longo dos séculos XIX e XX, percebeu-se um repúdio às mesmas no que se refere a uma ideia de ação estrangeira dentro do país. Alberto Torres explicita este ideário no que se refere ao seu contra-argumento a uma possível hierarquia racial que submetia à condição de inferior a todos os que não se encaixavam no estereótipo caucasiano – principalmente o branco europeu. Segundo Torres, este argumento justificaria a ação de países imperialistas acima de nações consideradas inferiores, necessitadas de receber das mãos do homem branco as noções de civilização.

Monteiro Lobato e as perspectivas da Nação brasileira

O discurso de defesa ao ser nacional brasileiro, de sua inteligência e total capacidade de adaptar-se melhor ao meio em que se encontrava fez com que Monteiro Lobato, conhecido autor de obras infantis, destinasse seus argumentos a esse assunto. Em seu livro “Problema Vital”, 1918, Lobato apresenta sua ideia de repúdio ao discurso entusiasta de Torres e outros autores que defendem alegorias do indivíduo brasileiro e sua suposta superioridade intelectual. O autor concorda com a ideia de inexistência da hierarquia racial dos povos, porém, não desconsidera que o grande problema que a nação passa em sua época esteja na população. “No indivíduo enfermo o primeiro passo rumo à cura é de ordem puramente psicológica: há de o doente convencer-se de que o é. Na física, doente convencido de seu mal é doente meio curado” (LOBATO, 1918, p. 267).

O discurso do autor gira em torno da súplica ao Estado de aplicar uma política higienista na população, ao ponto de erradicar as doenças que atrapalham o progresso do país. Este argumento de Lobato acaba por suprir as demais respostas que faltavam aos problemas do Brasil: em uma população saudável, o trabalho e a situação econômica do país melhorariam significativamente, resolvendo o problema da economia do país. As políticas higienistas pensadas por Lobato expõem sua ideia de intervenção do Estado na vida do indivíduo. Para o autor, o indivíduo saudável – utilizando-se das



políticas de saneamento fornecidas pelo governo – retornaria ao Estado os frutos do investimento em saúde, saneamento, alimentação, etc. Percebe-se então o papel do indivíduo dentro da nação: a intenção de vincular o “ser” ao seu “papel”.

“Nossos governantes inda não compreenderam o alcance econômico do saneamento. Alegam aperturas financeiras e restringem as verbas destinadas á higiene. No dia, porém, em que pela demonstração insofismável dos fatos, arreigar-se a convicção de que o dinheiro despendido no restabelecimento da saúde do povo e na extinção dos focos infecciosos é dinheiro adiantado, que volta ás arcas acrescido de alto premio, porque esse dinheiro foi restabelecer a eficiência econômica de milhares de criaturas transformadas pela doença em quantidades negativas, nenhum serviço receberá mais generosa dotação e nenhum sobre ele será primazia (LOBATO, 1918, p. 300).

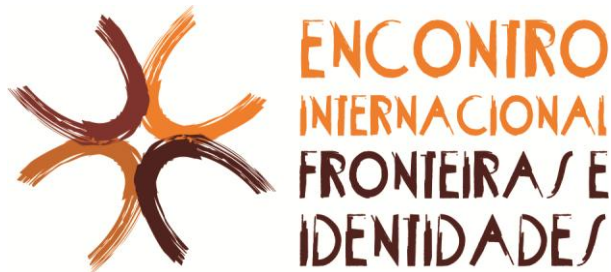
O Indivíduo e seu Papel Dentro da Nação

Tornou-se comum pensar que o desenvolvimento de significados distintos a conceitos é um fenômeno resultante do que costumamos chamar de pós-modernidade. De fato, nenhum conceito está imune a receber novos significados, tendo em vista as constantes mudanças que a sociedade sofre. Assim como Stuart Hall afirmou sobre a historicidade do conceito de indivíduo, torna-se mais fácil identificar essa troca de valores a respeito dos significantes – em constante mutação.

Se analisarmos este processo de mudança um pouco mais a fundo, a própria noção de indivíduo, quando passa por uma inversão de valores, acaba por influenciar outras questões que, a primeira vista, pareciam óbvias e imutáveis, como é o caso das nacionalidades e o que está envolto desse conceito.

No Brasil, esta questão da nação esteve sempre presente nos discursos dos intelectuais interessados em traçar um perfil para o brasileiro. Porém, em que sentido a noção de indivíduo influenciou na delimitação do que, mais tarde, Benedict Anderson chamou de “comunidades imaginadas”, no caso brasileiro?

Em um contexto de formação política nacional, vários eram os receios referentes ao quadro brasileiro que estava a surgir – face a recente independência da metrópole Portugal e, principalmente, o fim da escravidão (tendo em vista o processo de transição do trabalho escravo ao assalariado, ligado inclusive ao contexto da vinda de imigrantes europeus ao país). Mais ainda, a mudança de uma política monárquica a uma



republicana fez com que vários dos discursos referentes a esse momento de transição transmitissem os temores da época frente, ao que tudo indicava, um futuro incerto.

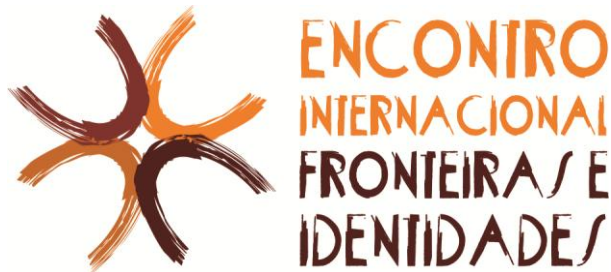
Com a chegada do século XX, a questão do “indivíduo” teve continuidade no cenário brasileiro, dessa vez, a respeito da composição do indivíduo nacional e seu papel frente à nação. Assim como Hall havia citado a respeito da questão racial como não mais um argumento legitimador da nação, à luz das ideias eugênicas de Francis Galton, a raça era uma questão a ser debatida exaustivamente no contexto do final do século XIX e início do século XX.

Nos últimos anos, as noções biológicas sobre raça, entendida como constituída de espécies distintas (noções que subjazem a formas extremas da ideologia e do discurso nacionalista em períodos anteriores: o eugenismo vitoriano, as teorias europeias sobre raça, o fascismo) têm sido substituídas por definições culturais, as quais possibilitam que a raça desempenhe um papel importante nos discursos sobre nação e identidade nacional (HALL, 1992, p. 63).

Tendo em vista que, diferente de um discurso onde se deixava claro a identidade nacional representada por uma raça única (como era o caso de muitos países europeus), no Brasil o discurso tomou um rumo contrário a essa lógica de pureza racial. O Brasil passou a ser identificado como miscigenado, um povo miscigenado, um indivíduo que guarda dentro de si um pouco de cada raça.

Segundo Alberto Torres em seu livro “O Problema Nacional Brasileiro”, essa miscigenação deveria ser encarada como um traço típico do indivíduo brasileiro. Constrói-se a partir desta ideia uma noção de identidade, ou seja, como Hall exemplificou no caso inglês que, por meio da representação, o indivíduo nascido na Inglaterra é considerado inglês pelas características que lhe são atribuídas (*englishness*) (HALL, p. 52). Estas características deveriam ser fonte de identificação capaz de fazer com que o indivíduo nascido no Brasil se visse como “brasileiro”, ao mesmo tempo em que fosse possível identificá-lo sob o olhar estrangeiro. Desta forma, a identificação por meio da raça miscigenada, vista por Torres como algo a ser elevado como fonte principal de identificação, serviria para que o estrangeiro também o identificasse por essa característica.

Diante das afirmações de Alberto Torres, Monteiro Lobato escreveu, em 1918, uma réplica ao discurso de defesa da raça brasileira visto tanto em Torres, quando na



vasta literatura que até então era defendida por literatos e poetas. Em seu livro “Problema Vital”, Lobato explicita seu repúdio às perspectivas fantasiosas a respeito do povo brasileiro até então elevado como nação próspera. O autor discorre sobre este repúdio em duas fases do livro: a primeira, num claro repúdio a atual condição de saneamento do Brasil e, logo em seguida, no que seria a solução aos problemas da nação: as políticas higienistas.

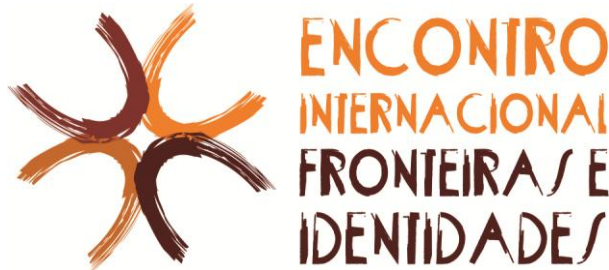
Lobato analisa a perspectiva de Alberto Torres e de outros entusiastas da nação como fantasiosas e fonte principal da falta de soluções para os obstáculos do progresso do Brasil. Suas acusações se referem ao que ele considera como a ingenuidade do povo ao acreditar e se acomodar nesta retórica alegórica:

O povo, ingênuo que é, decorou a serio o agradável estribilho da riqueza sem par, da inteligência primacial e da invencibilidade parelha da nipônica; e conseqüentemente com o ensinado assumiu uma atitude lógica: papo ao ar em sorridente lombeira. Se somos assim ricos, e geniais, e invencíveis, gozemo-nos disso em doce “otium cum dignitate”, é lógico (LOBATO, 1918, p. 224).

Considerações Finais

Lobato preocupa-se com a situação da saúde no Brasil de sua época, tanto nas cidades quanto no campo. Desconsiderando a questão racial, o autor se dedica a estudar profundamente os principais problemas que assolam a população privada de políticas estatais de saúde: segundo o pensador, seria inadmissível um povo sofrer de doenças que, em outros países, já existia tratamentos e, inclusive, prevenções. O caso da Ancilostomose é analisado a fundo, e fez o autor discorrer sobre sua esperança de encontrar uma solução ao caso do Brasil: a máxima “O Jéca não é assim, está assim”, expressa exatamente isso.

Assim, Lobato defendeu uma intervenção sistemática do Estado nas questões que se referem à saúde por acreditar que só em uma nação saudável pode-se ter a expectativa de se alcançar o progresso. Todos os valores gastos em tratamentos considerados pelo autor como defasados poderiam ser utilizados em outros setores, uma vez que se investiria em programas de prevenção capazes de erradicar paulatinamente, as doenças que assolavam a nação.



Referências Bibliográficas

ACTON, Lord. “Nacionalidade”. In: BALAKRISHNAN, Gopal (org.). **Um mapa da Questão Nacional**. 1º edição. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. Cap. 7, p. 209-227.

ANDERSON, Benedict. Introdução e raízes culturais. In. **Comunidades Imaginadas**. Lisboa: Ed. 70, 2005.

BALAKRISHNAN, Gopal. “A imaginação nacional”. In: BALAKRISHNAN, Gopal (org.). **Um mapa da Questão Nacional**. 1º edição. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. Cap. 7, p. 209-227.

BAUER, Otto. “A nação”. In: BALAKRISHNAN, Gopal (Org). **Um Mapa da Questão Nacional**. 1º edição Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. Cap. 2, 45-85.

BREUILLY, John. Abordagens do nacionalismo. In. BALAKRISHNAN, Gopal (org.) **Um mapa da Questão Nacional**. 1º edição. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

ERNEST. Renan, *¿Qué es una nación? Cartas a Strauss*, ed. de A. de Blas Guerrero. Madrid: Alianza Editorial, 1987. pp. 85-86.

GELLNER, Ernest. “O advento do nacionalismo e sua interpretação: os mitos da nação e da classe”. In: BALAKRISHNAN, Gopal (org). **Um Mapa da Questão Nacional**. 1º edição. Trad. Vera Ribeiro Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. Cap. 4, p.107-155.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. 7. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HOBSBAWN, Eric. **Nações e Nacionalismos desde 1780**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.

LOBATO, Monteiro. **Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital**. São Paulo: Editora Brasiliense LTDA, 1950.

RAMOS, Guerreiro. O Problema Nacional Brasileiro. In **O Pensamento Nacionalista e os “Cadernos do Nosso Tempo”**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1979.

ROMERO, Silvio. **Estudos sobre a Poesia Popular do Brasil**. Rio, 1888, pág. 11.

SMITH, Antony. “O Nacionalismo e os Historiadores”. In: BALAKRISHNAN, Gopal (org). **Um Mapa da Questão Nacional**. 1º edição. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. Cap. 6, p. 185-209.

THIESSE, Anne-Marie. **Ficções Criadoras: as identidades nacionais**. Anos 90, Porto Alegre, n. 14, 2001/2002.



ENCONTRO
INTERNACIONAL
FRONTEIRAS E
IDENTIDADES

TORRES, Alberto. **O Problema Nacional Brasileiro. Introdução a um programa de organização nacional.** São Paulo: Nacional, 1978.